

EDITOR
 Julio Fernandes
 Pinto
 Sede da
 administração
 PHARMACIA SOUZA
 FEIRA
 ASSIGNATURA
 Pagamento adiantado,
 Feira, anoo. . . 80 cent.
 Continente libras 1 escudo
 Africa. 150 cent.
 Brazil. 150 cent.
 Numero avulso . . . 3.

Composição e im-
 pressão
 Typographia Municipal
 Praça da Republica, 114
 Villa da Feira.
 ANUNCIOS
 Gada linha 7 cent., repeli-
 ções 5 cent.; no corpo de
 jornal 5 cent. e permanen-
 te, preço convencional.
 Anuncia-se qualquer
 publicação de que se rece-
 ba um exemplar.

A FEIRA

Redactor principal, proprietario e administrador — Domingos Augusto de Sousa

que não é de demagogos que a Inglaterra precisa na actual conjuntura. Por isso, não foi no seu partido que escolheu os seus companheiros no actual ministerio.

Foi busca nos as classes conservadoras, ás classes ponderadas que não tem por norma *fazer estylo* em materia de administração publica, mas sim, governar, *governar a valer* com a nação, para a nação e pela nação.

O ministerio transacta, com as duas figuras de supremo *relievo politico* na Inglaterra, os srs. Asquith e Grey, estava, em frente do tremendo conflito, a prender-se com as formulas; estava, como qualquer postos, governo d'este jardim á Beira Mar plantado, *fazendo politica*, quando toda a gente lhe pedia o contrario. Não são da *sua conta*.

Ora, neste momento, mais do que em qualquer outro, a Inglaterra precisava de ter no governo homens de acção, que fizessem, unicamente, a *politica de guerra*.

O parlamento estava *intervindo* de mais, como está acontecendo na França e na Italia, nos negocios que dizem respeito á guerra.

Este estado de coisas, para o espirito utilitario e pratico do inglez, não podia durar muito. E não durou.

A Inglaterra viu com o seu Rei que só Lloyd George era capaz de dirigir, com vontade de ferro e pulso firme, a *politica de guerra*; Lloyd George, comprehendeu perfeitamente que, para conseguir, tinha de recrutar os seus colaboradores nas classes conservadoras do seu paiz.

Foi o que fez.
 A opinião publica em França, como na Italia, está passando pelos mesmos transes porque passou a opinião ingleza.

Nos governos destes paizes, respectivamente, com Briand e com Boselli, dominam, são senhores de quasi todos os postos, os *politicos radicais* que, com a *politica de guerra*, estão seguindo tambem os mesmos processos adoptados pelo gabinete inglez de Asquith.

A opinião ingleza viu perfeitamente que não é de *politicos radicais*, nem de *politicos profissionais* que a nação precisa. E de *homens de acção*, que se não prendam com formulas, com interesses e com doutrinas.

A França e a Italia estão passando pelos mesmos transes.

A opinião publica destes paizes, que tem tirado grandes ensinamentos na guerra actual, tem a intuição precisa de que os negocios dos seus paizes em relação á *politica de guerra* não vão bem.

A *politica professional mette-se de moré* nos negocios que só aos militares, aos chefes militares, estão dados.

Os exercitos ressentem-se na unidade do seu commando.

A este respeito, a Alemanha, entregando ao poder militar os negocios que a este dizem respeito, tem-lhes dado profundas lições desde o principio da guerra, que ella, tão cruel e brutalmente desencadeou.

Alli, é tudo união, disciplina, obediencia.

Para os allemães, a patria em perigo foi o abandono immediato das formulas, das combinações politicas e dos interesses pessoais.

Tudo se subordina á vontade suprema de quem dirige.

E por isso que, em todos os *fronts*, ella oppõe, methodica e tempo e momento grave porque o seu paiz e toda a Europa estão passando, sabe que não é de agitadores,

desastre de *menos irreparaveis* consequências para o imperio.

Hindemburgo não é só o chefe incontestado do seu exercito, é a *primacia* figura que coloca a respeitosa distancia qualquer allemão que, no actual momento, tivesse a *veleidade de fazer politica*.

O Reichstag não se mette nos *assumplos da guerra*.

Para esses, para a sua solução, lá estão os generaes, os chefes militares, em que a Alemanha depositou todas as suas esperanças.

O Reichstag, quando muito, *de-libera* sobre subsistencias, sobre o conflito, a prender-se com a materia diplomatica, ou sobre formulas; estava, como qualquer postos.

Os outros *assumplos*, no actual momento, não lhe dizem respeito.

Não são da *sua conta*.

Fossem dizer isto ao parlamento francez e ao italiano!

Mas, seguramente, com relação á *politica de guerra*, como em tudo, elles não tem, elles não terão remedio, senão em seguir o exemplo da Inglaterra.

E nós? Nós tambem. Nós, com os mesmos vicios, com as mesmas virtudes, latinos e meridionaes como elles, temos tambem de mudar de rumo.

O regimen que está não é o *regimen tradicional* da nação; mas, no presente, é o regimen que representa a nação.

Como aquellas tres nações, uma dellas nossa aliada, estamos tambem em guerra, precisamos, por conseguinte, de fazer a *politica da guerra*.

Ora, a *politica da guerra*, toda a gente o comprehende, não é a *politica d'essa irrisoria união sagrada*, que, por principio algum, é *união nacional*.

Temos, incontestavelmente, de mudar de processos, de chamar ao governo, no actual momento, como fez a Inglaterra, *competencias profissionais*, e não *profissionais da politica*, principalmente desta politica, que os partidos da Republica querem fazer passar por avançada, quando é, na sua incoherencia e na sua inconsciencia, uma *politica sem caracter*.

Vá, senhores politicos, dêem com a sua demissão, lugar ás *competencias*, venham ellas de onde vierem, que o momento que passa, é grave de mais para se poder fazer a sempre mesquinha politica dos corrilhos e dos partidos!

12 de Dezembro.

Antonio de Moura.

Impressões

A guerra, que assola a Europa, está-nos dando constantes ensinamentos, que nos estão mostrando que temos de arripiar caminho, para podermos constituir em bases sólidas a vida do futuro.

O velho mundo, as velhas normas, juntamente com as normas novissimas e com o mundo novo, neste caldeamento de paixões e de interesses, estão passando por transformações profundas.

Um dos ultimos prenuncios, e bem eloquente elle foi, deus-o, a crise ministerial ingleza, que na Inglaterra fez subir ao mais alto cargo, depois do rei, o antigo agitador *trabalhista*, o celebre ministro Lloyd George.

E' a este homem, que no governo do seu paiz tem representado a corrente politica mais avançada da Gran-Bretanha, que estão confiados os supremos destinos do povo inglez no momento mais grave da sua vida mais que milenaria.

Elle, que foi sempre o agitador, o paladino das classes trabalhadoras da Inglaterra, de palavra fluente e espirito audaz, dando mais a impressão de um meridional do que de um frijo fleugmatico saxão, no poder, não foi buscar a companhia dos seus antigos companheiros de propaganda politica.

Elle, que é hoje um estadista experimentado, que *conhece o seu tempo* e o momento grave porque o seu paiz e toda a Europa estão passando, sabe que não é de agitadores,

que não é de demagogos que a Inglaterra precisa na actual conjuntura. Por isso, não foi no seu partido que escolheu os seus companheiros no actual ministerio.

Foi busca nos as classes conservadoras, ás classes ponderadas que não tem por norma *fazer estylo* em materia de administração publica, mas sim, governar, *governar a valer* com a nação, para a nação e pela nação.

O ministerio transacta, com as duas figuras de supremo *relievo politico* na Inglaterra, os srs. Asquith e Grey, estava, em frente do tremendo conflito, a prender-se com as formulas; estava, como qualquer postos, governo d'este jardim á Beira Mar plantado, *fazendo politica*, quando toda a gente lhe pedia o contrario. Não são da *sua conta*.

Ora, neste momento, mais do que em qualquer outro, a Inglaterra precisava de ter no governo homens de acção, que fizessem, unicamente, a *politica de guerra*.

O parlamento estava *intervindo* de mais, como está acontecendo na França e na Italia, nos negocios que dizem respeito á guerra.

Este estado de coisas, para o espirito utilitario e pratico do inglez, não podia durar muito. E não durou.

A Inglaterra viu com o seu Rei que só Lloyd George era capaz de dirigir, com vontade de ferro e pulso firme, a *politica de guerra*; Lloyd George, comprehendeu perfeitamente que, para conseguir, tinha de recrutar os seus colaboradores nas classes conservadoras do seu paiz.

Foi o que fez.
 A opinião publica em França, como na Italia, está passando pelos mesmos transes porque passou a opinião ingleza.

Nos governos destes paizes, respectivamente, com Briand e com Boselli, dominam, são senhores de quasi todos os postos, os *politicos radicais* que, com a *politica de guerra*, estão seguindo tambem os mesmos processos adoptados pelo gabinete inglez de Asquith.

A opinião ingleza viu perfeitamente que não é de *politicos radicais*, nem de *politicos profissionais* que a nação precisa. E de *homens de acção*, que se não prendam com formulas, com interesses e com doutrinas.

A França e a Italia estão passando pelos mesmos transes.

A opinião publica destes paizes, que tem tirado grandes ensinamentos na guerra actual, tem a intuição precisa de que os negocios dos seus paizes em relação á *politica de guerra* não vão bem.

A *politica professional mette-se de moré* nos negocios que só aos militares, aos chefes militares, estão dados.

Os exercitos ressentem-se na unidade do seu commando.

A este respeito, a Alemanha, entregando ao poder militar os negocios que a este dizem respeito, tem-lhes dado profundas lições desde o principio da guerra, que ella, tão cruel e brutalmente desencadeou.

Alli, é tudo união, disciplina, obediencia.

Para os allemães, a patria em perigo foi o abandono immediato das formulas, das combinações politicas e dos interesses pessoais.

Tudo se subordina á vontade suprema de quem dirige.

E por isso que, em todos os *fronts*, ella oppõe, methodica e tempo e momento grave porque o seu paiz e toda a Europa estão passando, sabe que não é de agitadores,

Assinatura
PAGAMENTO ADIANTADO
Um escudo no conceito da
Feira e resto do continente.
As despesas da cobrança
pelo correio são levadas à
conta do assinante, acresci-
das no respectivo recibo.
2. Escudos nos Estados Unidos
do Brazil, e colonias portu-
guezas.

Anuncios
Por linha, 5 centavos; repeti-
ções, 3 centavos. Permanen-
tes, preço convencional. Im-
posto do selo à conta do
anunciante.

Anuncia-se e aprecia-se qual-
quer publicação de que se
receba um exemplar.

CORREIO DA FEIRA

SEMANARIO REPUBLICANO EVOLUCIONISTA

Administrador
Secretario e edi-
tor
Redacção
Bucinas de Imprensa
Rua Direita, 66 - Fei-
ra
Publicação semanal, a
dos de tarde.
Aceitam-se e publicam-se in-
formações ou correspondências
que não envolvam responsabi-
lidade. Não se restituem os au-
togramas.
Toda a correspondência deve
ser dirigida á Redacção e ad-
ministração, — Rua Direita, 66
— Vila da Feira.

PELA CIVILISAÇÃO E PELA PATRIA

«Que aqueles que vos enchem nas mãos estejam á vos-
sa mercê, e que o nome da Alemanha resulte a ser conde-
cido da mesma forma que aquele dos hunos, que ha mil
anos sob Attila ganharam reputação, em virtude da qual
inda vivem nas tradições historicas.»

(Palavras do Kaiser aos seus soldados).

Convém recordar estas caracte-
rísticas palavras no momento em
que espiritos em demasia sentimen-
talistas se comovem pelo facto de
haverem sido expulsos de Portugal
os subditos teutonicos e concentra-
dos, destes, os que se encontravam
em idade militar.

Parece que o facto de no exodo
serem incluídas mulheres e crianças
ainda mais machucou esse sentimen-
talismo que não diremos piégas mas
que classificamos de fóra de propo-
sito.

E tanto fóra de vila e termo ele
se encontra que dentro os abra-
nidos pelas nobres e justas leis de
guerra, ultimamente publicadas nem
um só desses alemães, nem mesmo
os que ha mais de trinta anos vivem
nesta hospitaleira terra portugueza,
tiveram um gesto, uma frase, que
mostrasse que eles se não irmanam
com a forma de pensar, com a acção
e com as qualidades do seu «digno
e nobre» chefe.

Esses homens e mulheres, como
todos os seus compatriotas, não
teem raciocínio proprio, pensam pe-
lo cerebro do kaiser. Não admiram
os homens mais eminentes do seu
paiz, mas tão somente o kaiser. Na
arte, na sciencia e na religião, na
terra e no ceu, sobre tudo e sobre
todos, para eles, o kaiser.

Esse sentimentalismo talvez se
não ferisse tanto a quando da infame
traição e inaudito assassinio de
Nauvill; talvez se não sensibilisasse
tanto com os massacres de velhos,
mulheres e crianças efectuados pelos
vandalos na augusta Belgica; e tal-
vez se não tornasse tão evidente por
ocasião das felonias e exterminios
com enorme selvageria praticadas na
stoica e nobre Servia!

Quem pensa como o kaiser é res-
ponsavel no afundamento de cente-
nares de navios neutrais e desarma-
dos, causando milhões de victimas,
torpeza de piratas que outra não é
a acção barbara dos submarinos ger-
manicos; quem age pelo cerebro do
kaiser julga bom o emprego ultra-
abjecto dos gazes asfixiantes e quem
o admira pertence á raça dos hunos
de idade moderna e entende que a
Alemanha deve, no futuro, viver nas
tradições historicas da mesma forma
que aqueles que ha mil anos ganharam
reputação sob o comando de Attila!

Que reputação foi essa?
Convém recordal-a a largos tra-
ços!

Os Hunos vieram da Asia Central
e dividiram-se em duas fracções: uns
fixaram-se a leste do mar Caspio onde
receberam o nome de Hunos
Brancos; outros avançaram para a
Europa, arrastando consigo os Ala-
nos, subjugaram os Ostrogodos e os
Gepidas e foram estabelecer-se nas
regiões centrais da Sarmacia.

Mais tarde saíram dali sob o co-
mando de Attila, acabaram de sub-
meter os slavos, invadiram a Ger-
mania, e, lançando depois as suas
vistas sobre o mundo civilisado, ata-
caram o imperio do Oriente. Teo-
dosio, o Moço, comprometeu-se a
pagar-lhes anualmente uma quantia
consideravel mas tendo-se Marciano,
sucessor de Teodosio, recusado a

pagar esse tributo, declarando a Attila «que tinha oiro para os seus ami-
gos e ferro para os seus inimigos»,
os Hunos abandonaram o Oriente e
precipitaram-se sobre a Gallia.

Treves, Strasburgo, Worms
Mayence, Metz e Reims foram sa-
queadas. Em Troyes o bispo S. Lo-
po revestiu as vestes sacerdotais e
foi ao encontro de Attila, conseguin-
do que a cidade fosse poupada. Pa-
ris tambem escapou graças ás supli-
cas de Santa Geneveva. Orleans foi
cerçada mas resistiu vigorosamente,
animada pelo seu bispo, até que Aecio,
general romano, ajudado pelos
Wisigodos, Francos e Burguinhões,
a foi socorrer e obrigou os Hunos a
bater em retirada.

Alguns dias depois, os dois exer-
citos inimigos encontraram-se nos
campos Catalaunicos, vastas planícies
entre o Marne e o Sena. Travou-se
ali a famigerada batalha conhecida
pelo nome de «Chalons sobre o Mar-
ne».

Attila, vencido, cedeu aos inimi-
gos o campo juncado de cento e oitenta
mil cadaveres e retirou-se para
a Pannonia a fim de reparar as
suas perdas.

No ano seguinte reapareceu mais
ferrivel que nunca e dirigiu-se sobre
a Italia, preparando-se para cumprir
a sua missão de flagelo de Deus, co-
mo ele se intitulava.

Destruiu Aquileia, devastou Pa-
dua, Verona, Brescia e Pergamo e
submeteu Pavia e Milão.

Os habitantes de Roma recorrê-
ram ao papa S. Leão Magno; este
pontifice não escutando senão a ins-
piração da sua fé e caridade, aceitou
a perigosa missão de se dirigir ao
acampamento dos Hunos. Attila exi-
giu apenas um tributo anual e aban-
donou a Italia, retirando-se para a
Pannonia onde morreu em 454.

O grande imperio dos Hunos
desapareceu com ele; alguns destes
barbaros foram para a Hungria, onde
se confundiram com os Alvaros,
e os outros emigraram para a Asia.

Posto isto, num pallido resumo,
vê-se que o moderno Attila é muito
mais perigoso e muito mais sangui-
nario do que o seu idolo; aquele ante
uma mulher, ante um bispo e um
pontifice, acedeu aos seus rogos e
usou de clemencia e no entanto ficou
na historia como um barbaro que
atendidos o atrazo da época e a sua
falta de civilisação, pode merecer
desculpa, o que já não succede ao
culto ligirino e assassino que em plea-
na era de progresso rasga os trata-
dos, ri do mal que pratica, regosi-
ja-se com o saque e o morticínio e
assistê cínico e impassivel ao derruir
de esplendidos palacios da sciencia e
manda atirar sobre hospitais de san-
gue.

E' por isso que não bastará levan-
tar no Povo Portuguez o espirito
patriótico para que bem cumpra o
seu dever de aliado; é preciso ao
mesmo tempo incutir-lhe no animo
o odio ao teutão, mais barbaro e
horrido do que Attila ou Nero, por-
que mais victimas fez já do que os
nefandos despotas de outras eras.

Em face dos atentados cometidos
não podem nem a Patria nem a Hu-

manidade admitir sentimentalismos,
clemencia ou tergiversações.

Assim como com Attila terminou
o imperio dos Hunos, assim deve
com o Cullho terminar o imperio
dos seus requintados émulos e su-
cessores.

ROBERTO MENDES DE CARVALHO.

A Imprensa e a Junta Patriótica do Norte

Reuniu nos Paços do Concelho do Porto,
pelas 2 horas da tarde de 24 do corrente, a
sub-comissão de propaganda da imprensa
sob a presidencia do sr. Bento Carqueija.

Foi lido e approvedo por unanimidade
o primeiro da série de manifestos que a
sub-comissão resolveu seja dirigido ao povo
portuguez pela Junta Patriótica do Norte.

Essa série abrange os seguintes assump-
tos:

1.º Razões historicas dos antecedentes
da guerra declarado pela Alemanha a Portu-
gal.

2.º Portugal na moral e na politica in-
ternacional.

3.º Interesses materias portuguezes em
litigio no actual conflicto.

4.º Alliança luso-britannica da confli-
gação europea.

5.º Portugal na futura organização poli-
tica, economica e internacional.

Resolveu-se enviar a seguinte circular
aos jornaes do norte do paiz convidando-os
a colaborar na obra patriótica da Junta:

«Ex.ª collega:— A sub-comissão de
propaganda pela imprensa da Junta Patrióti-
ca do Norte deliberou solicitar dos jornaes
de áquem Mondego, a publicação uma vez
por mez, pelo menos, de um artigo edito-
rial, em que se estimule o espirito patrióti-
co do povo, fazendo sentir a necessidade da
união de todos os portuguezes, no momen-
to em que a nossa pátria se encontra em
perigo.»

Do civismo de v. ex.ª esperamos que
accederá ao nosso empenho, tanto mais quan-
to é certo que neste momento teem de ser
abatidas todas as bandeiras politicas e pos-
tas de parte quaisquer divergencias de cren-
ças para collocar acima de todas as bande-
ras a gloriosa bandeira da Patria.

Se carecer de quaesquer esclarecimentos
para a realisação da benéfica propaganda
que solicitamos, rogamos o obsequio de nos
prevenir.

Com a maior consideração, desejamos-
lhe Saude e Fraternidade. O presidente, Bento
Carqueija.»

PORTUGAL EM GUERRA

Convocação de licen- ceados

No dia 24 foram afixados editaes militares, em todos os logares publicos, cujas disposições principaes são as seguintes :

Em conformidade com as disposições das leis do recrutamento e da organização militar da republica, são por este modo, convocados para serviço extraordinario, nos termos do decreto n.º 2:285 de 20 de março de 1916, os militares licençados, das diferentes armas e serviços, pertencentes ás unidades e classes abaixo designadas :

As classes convocadas

Artilharia n.ºs 2, 7 e 8, sargentos, primeiros cabos condutores, primeiros cabos serventes, segundos cabos e soldados condutores, clarins e fer-

radores, das classes de 1922, 1923, 1924 e 1925; cavalaria n.ºs 2, 7 e 8, sargentos, primeiros cabos, clarins e ferradores, das classes de 1922, 1923, 1924 e 1925; e segundos cabos e soldados das classes de 1924 e 1925; 2.º, 5.º, 6.º e 7.º grupo de metralhadoras, sargentos, primeiros cabos, e corneteiros das classes de 1922, 1923, 1924 e 1925, e segundos cabos e soldados das classes de 1923, 1924 e 1925; infantaria n.ºs 7, 9, 12, 14, 15, 21, 22, 34 e 35, sargentos, primeiros cabos e corneteiros, das classes de 1922, 1923, 1924 e 1925, e segundos cabos e soldados das classes de 1923, 1924 e 1925; infantaria n.ºs 23, 24 e 28, sargentos, primeiros cabos, corneteiros, segundos cabos e soldados das classes de 1922, 1923, 1924 e 1925; 2.ª, 5.ª e 7.ª companhias de saude, sargentos, primeiros cabos e

cometeiros das classes de 1922, 1923, 1924 e 1925, e segundos cabos e soldados das classes de 1923, 1924 e 1925; 2.ª, 5.ª e 7.ª companhias de subsistências, sargentos e primeiros cabos das classes de 1922, 1923, 1924 e 1925, e segundos cabos e soldados de 1925; 2.ª, 5.ª e 7.ª companhia de equipagens, sargentos, primeiros cabos, segundos cabos e soldados, clarins e ferradores das classes de 1922, 1923, 1924 e 1925.

Os militares das classes acima indicadas são os que foram dados prontos da instrução de recrutas nos anos seguintes: os da classe de 1922 no ano de 1912; os da classe de 1923 no ano de 1913; os da classe de 1924 no ano de 1914; os da classe de 1925 no ano de 1915.

Esta convocação abrange todos os licenciados que, pertencendo ás mencionadas unidades no dia 1 de dezembro de 1915, mudaram de domicílio depois desta data.

Todos os oficiais nas unidades indicadas, quer do quadro permanente, quer milicianos e os collocados nas mesmas unidades para efeitos de convocação ordinaria ou extraordinaria, que não forem expressamente dispensados nos termos do Regulamento de Mobilização, deverão apresentar-se nas suas unidades no dia e hora fixados para a apresentação dos respectivos licenciados.

Apresentação das diferentes divisões

Da 1.ª divisão, cavalaria n.º 2, Lisboa, no dia 21 de maio; 7.ª companhia de saúde, 7.ª companhia de subsistências e 7.ª companhia de equipagens, em Lisboa, no dia 5; infantaria 34, 2.ª e 3.ª batalhões, na Guarda, em 5.

Da 2.ª divisão, regimento de artilharia n.º 7, em Vizeu, no dia 14; regimento de cavalaria n.º 7, em Nelas, no dia 21; 2.º grupo de metralhadoras, na Guarda, no dia 14; regimento de infantaria n.º 9, em Lamego; regimento de infantaria n.º 12, 1.ª e 2.ª batalhões, na Guarda, e 3.ª batalhão, em Pinhel; regimento de infantaria n.º 14, em Vizeu; regimento de infantaria n.º 35, 1.ª, 2.ª e 3.ª batalhões, na Guarda; 2.ª companhia de saúde, 2.ª companhia de subsistências e 2.ª companhia de equipagens, em Coimbra, todas no dia 5.

Da 5.ª divisão, regimento de artilharia n.º 2, 1.ª, 2.ª e 3.ª grupos, na Figueira, no dia 14; regimento de cavalaria n.º 8, em Aveiro, no dia 21; 5.º grupo de metralhadoras, em Coimbra, no dia 14; regimento de infantaria n.º 23, em Coimbra; regimento de infantaria n.º 24, 1.ª e 2.ª batalhões, em Aveiro, e 3.ª batalhão, em Ovar; regimento de infantaria n.º 28, 1.ª e 2.ª batalhões, na Figueira, e 3.ª batalhão, em Agedua; regimento de infantaria n.º 35, 2.ª e 5.ª companhias de saúde, 2.ª e 5.ª companhias de subsistências; 2.ª e 5.ª companhias de equipagens, em Coimbra, todos no dia 5.

Da 6.ª divisão, 6.º grupo de metralhadoras, em Bragança, no dia 14.

Da 7.ª divisão, artilharia n.º 2, 2.ª e 3.ª grupos na Figueira, no dia 14; artilharia n.º 8, em Abrantes, no dia 14; cavalaria n.º 2, em Lisboa, no dia 21; 7.º grupo de metralhadoras, em Castelo Branco, no dia 14; infantaria n.º 7, em Leiria; infantaria n.º 15, em Thomar; infantaria n.º 21, 1.ª batalhão, na Covilhã; 2.ª batalhão, em Castelo Branco; 3.ª batalhão, em Penamacor; infantaria n.º 24, 2.ª batalhão, em Portalegre; 2.ª batalhão, em Abrantes; 3.ª batalhão, em Elvas; 7.ª companhia de saúde, 7.ª companhia de subsistências e 7.ª companhia de equipagens, em Lisboa, todos no dia 5.

Praças d'artilharia de costa

No 3.º bairro de Lisboa foram também mandados afixar editaes convocando para o dia 1 de maio p., até ás 9 horas, as praças licenciadas do 2.º batalhão de artilharia de costa, designadas para frequentar a escola de sargentos, sendo considerados desertores os que até áquella hora do dia 6 do referido mez se não apresentarem.

Um navio austriaco

O governo requisitou um navio austriaco que se encontrava no Tejo.

Foi tomado no dia 24 e substituída a sua tripulação por marinheiros portugueses, sem o menor incidente.

Reclusos para as fileiras

O ministro da guerra pediu ao da justiça que sejam entregues aos comandos das respectivas divisões os mancoes chamados ás fileiras e que estejam presos nas cadeias civis.

Os alemães

O governo fez publicar um decreto ordenando a expulsão de Portugal de todos os subditos alemães com mais de 45 e menos de 16 anos de idade e fazendo concentrar na ilha Terceira, nos Açores, todos os restantes, isto é, aqueles que estão em idade de prestar serviço militar. Este decreto foi posto immediatamente em vigor e obedecido, com pequenas excepções, pelos alemães residentes no nosso paiz.

Tambem tem retirado do nosso paiz muitos austriacos.

Vacinação dos militares

Tendo o Instituto Bacteriologico de Lisboa solicitado dos institutos congêneres de França, Italia e Russia a remessa de algumas estipes typhicas e paratyphicas para reforçar a coleção e poder preparar a vacina com bacterias de proveniências diferentes, a fim de serem vacinados os militares a mobilisar, o director dos serviços da vacina dos exercitos francezes ofereceu gratuitamente do Laboratorio Valdegrace toda a vacina necessaria para o exercito portuguez.

Medicos militares

Pelo commandante do Regimento de infantaria de reserva n.º 6 foi publicado o seguinte aviso:

«Todas as praças com o curso de medicina, quer licenciadas, quer da reserva, com idade inferior a 45 annos, deverão entregar, desde já, as publicas-formas das suas cartas de curso medico, nas respectivas unidades, a fim de serem immediatamente remetidas á 5.ª Repartição da 2.ª Direcção Geral da Secretaria da Guerra. A falta de cumprimento desta determinação importa procedimento disciplinar.»

A grande guerra

Quando virá a paz?

Ao passar por Barcelona, o presidente do conselho director do jornal de Londres «The Times» fez no dia 24 do corrente, as seguintes declarações:

—Os allemães têm ganho até agora batalhas e campanhas: a sua cohesão nacional e o seu ardor não têm soffrido. Em compensação, tenho toda a segurança nos nossos. Tanto inglezes, como francezes e russos, temos infelizmente soffrido contrariedades e temos perdido territorios; mas, como vê, o nosso espirito nacional e militar, isto é, dos aliados, estão intactos e augmentam as nossas forças mobilizadas e as nossas armas para as levarmos á batalha.

—Nesse caso, aproxima-se a nova grande guerra?

—Indubitavelmente. O novo exercito inglez, o exercito de Kitchener, de um dia para outro apparece preparado. E' o que diziam os allemães e tinham razão; que em menos de dois annos se faz um exercito. Já lá vão quasi dois annos. Não-de vêr como o temos feito.

—E quando acabará a guerra?

—Ninguém o pôde dizer. Na Inglaterra há quem suponha que este mesmo anno. Mas tambem são muitos os que presumem que se vai realizar a previsão de lord Kitchener, o qual, desde o começo, previu uma guerra de trez annos e a esta previsão submeteu todos os seus planos e trabalhos de organização. Assim, a guerra acabará no anno que vem.

—E das relações entre a Inglaterra e a Hespanha, sabe alguma coisa interessante?

—Não é preciso penetrar grandes segredos para nos convenceremos da excellencia d'essas relações. A Inglaterra está contente com as disposições da Hespanha. Quando venha a formação de um novo regimen internacional, a Hespanha precisará da Inglaterra e creio que ha-de encontrarla.

Noticias da guerra nos ultimos 3 dias

Afirma-se que uma esquadra ingleza

descobriu na costa da Noruega varios cruzadores allemes, que se esquivaram ao combate, fugindo. A esquadra perseguio-os.—Os russos retomaram a offensiva no Strya, repellido o inimigo de varias posições importantes, tendo feito numerosos prisioneiros.—O chefe do governo hespanhol declarou que as ultimas impressões de Berlim são favoráveis ás reclamações da Hespanha, havendo motivo para confiar em que os submarinos receberão instruções para respeitar o pavilhão hespanhol.—Diz o «Times» que o paquete em que seguia o vice-rei das Indias foi torpedeado, sem resultado, por um submarino allemão.—O governo americano recebeu do governo francez um relatório communicando-lhe o nome do official commandante do submarino allemão que torpedeou o paquete «Sussex».

Os italianos estenderam as suas linhas alguns kilometros e em varios pontos da frente apoderaram-se de trinta aldeias, continuando a progredir.—Tem andado no Mediterraneo uma numerosa esquadra de torpedeiros e contra-torpedeiros aliados á procura dos submarinos que torpedearam recentemente naquella mar varios navios.—Hanotaux diz, no «Figuero», que o formidable malogro dos allemães contra Verdun demonstrou que os recursos da Alemanha, em homens e material, são insufficientes para dar o golpe final e que a guerra não termina agora senão com a victoria dos aliados.—O exercito belga occupa uma frente de 35 kilometros, sendo inexacto que tenha ficado reduzido á sexta parte, como affirmam os allemães.—O governo russo desmente que se tenha fechado a fronteira romena, como affirmam os telegramas da Alemanha para induzir a opinião a um erro.—O general Petain, defensor de Verdun, dividiu ás suas tropas uma proclamação elogiando-as pela sua magnifica resistencia ao ataque geral dos allemães praticando actos de verdadeiro heroismo.

Os allemães estão preparando depois do malogro de Verdun, uma nova offensiva, mas desta vez contra a linha defendida pelos inglezes, os quaes receberam grandes reforços.—O norte-americanos estão-se preparando, com toda a actividade, para a eventualidade de entrarem na guerra, tendo sido transmitidas varias ordens telegraficas e diferentes centros militares.

E' geralmente considerada de grandissima importancia militar a tomada de Trebizonda, grande porto da Anatolia, ficando assim em poder dos russos o caminho de ferro para Erzerum.—A nota americana termina por dizer que a unica resposta sufficiente que a Alemanha pôde dar, é a garantia formal de que abandonará as suas práticas actuaes de guerra submarina.—O presidente Wilson está resollvido a obter um resultado rapido e decisivo, sem equivoocos.—A «Gazeta de Francfort» diz que a pretensão da America é tão absurda que a Alemanha se suicidaria accedendo-a.—Na região de Verdun, na socceza relativo, tendo havido apenas fogo intermitente de artilharia.—Na fronteira grega de Salonica foi canhoneada uma divisão bulgara, que avançava sobre as trincheiras dos aliados.

A imprensa alemã não dissimula, depois de conhecer a nota americana, que a situação é gravissima e que o governo se encontra no dilema de provocar o rompimento ou renunciar á guerra submarina. Pela linguagem dos jornaes officiosos julga-se que prevalecerá o rompimento.—Numerosos americanos acorrerem ao seu consulado em Hamburgo para tratar dos seus passaportes, a fim de abandonarem a Alemanha.—Está reunido o conselho de guerra allemão, sob a presidencia do kaiser, para apreciar a nota americana, devendo durar a discussão bastantes dias antes de se formular a resposta. Por sua parte a imprensa vai preparando a opinião para quaesquer eventualidades.

Um navio allemão que tentava desembarcar armas e munições na Irlanda, foi metido no fundo, fazendo os inglezes muitos prisioneiros.—Sobre os condados orientaes da Inglaterra voaram tres zeppelins, que lançavam bombas incendiarias.—Dizem de Berlim, a proposito do conflicto com a America, que a Alemanha se está defrontando com uma grave questão e que a atmosfera no ministerio dos estrangeiros está impregnada de gravidade como se viu ainda desde os primeiros dias da guerra.—Diz o «Times» que a resposta definitiva da Alemanha se espera por toda esta semana.—Affirma-se em Athenas que o rei da Grecia procura uma aproximação com Venizellos, o qual, como se sabe, é favoravel aos aliados.—Chegou a Marselha mais um contingente de tropas russas, as quaes foram acolhidas entusiasticamente.

Parece que o governo allemão accede ás reclamações formuladas pelos Estados Unidos.—O presidente do governo inglez apresentou no parlamento propostas tendentes a augmentar a força do exercito.—A Alemanha fechou as fronteiras prohibindo a sahida de estrangeiros durante 20 dias, o que prova estar preparando operações importantes.—Um jornal de Madrid insiste em affirmar que o governo hespanhol recebeu effectivamente uma nota da Inglaterra.—A hypothesis franceza é de parecer que a expedição naval aerea contra as costas inglezas e os distúrbios em Dublin foram emprehendedidos para impressionar o parlamento inglez na occasião em que discutia o serviço militar obrigatorio e obrigar os americanos a transigrir.—O principe Alberto, de Monaco, telegraphou ao presidente Wilson adherindo ao protesto formulado contra a Alemanha.

Esperava-se uma investida dos austro-allemães e bulgares contra Salonica, estando as tropas aliadas preparadas para a repellir.—Na região de Verdun proseguem os bombardamentos com violencia, tanto da parte dos allemães como dos francezes.—Accentua-se a impressão de que não sobrevirá o rompimento entre os Estados-Unidos e a Alemanha e que será encontrado meio para chegarem a um entendimento.—Começou em Paris a conferencia interparlamentar de commercio dos aliados a qual durará quatro dias.—Parece que se estão preparando grandes operações no occidente, combinando-se ataques ás costas pela esquadra ingleza.

Na linha de Verdun, bem como na linha defendida pelos inglezes, continua havendo calma relativa, estando a acção principal reduzida a bombardamentos.—Parece que os allemães estão resollvidos a fazer convergir agora todos os seus esforços para a linha oriental, principalmente para a Riga, dizendo-se até que o proprio kaiser irá iniciar as operações que se projectam.—A opinião nas esferas politicas de Berlim, acerca do conflicto com a America, é bastante pessimista.—Alguns jornaes allemães são de parecer que a participação dos Estados Unidos não fará mais que prolongar a duração da guerra illudindo as esperanças dos aliados.—Em Paris desmente-se a amotinação de Dublin e as desordens em Londres, de que se falla na Alemanha.

A inconsolavel viuva e a seus filhos, o nosso profundo sentimento.—Tambem na sua casa do Engenho Velho, em Oleiros, faleceu o sr. José Moreira da Costa, vereador da camara municipal deste concelho. O seu funeral foi feito civilmente, tendo tido uma concorrência extraordinaria de pessoas amigas e conhecidas do finado e de sua familia.—A esta, sentidos pezaes.—Em Azevedo, freguezia de Geão, extinguio-se o sr. Antonio José da Mota Marques, vereador, no antigo regimen, da camara deste concelho.